

Protesto contra violência urbana e rural no Brasil

Cerca de 200 manifestantes jogaram terra e esterco na rua em que está localizada a embaixada brasileira em Paris

por Pepe Escobar
de Paris

Três horas da tarde, com chuva, nos Champs-Élysées decorados com bandeiras gêmeas de Brasil e França, e invadidos pelas hordas de rigor do turismo multinacional. Uma picape estaciona na esquina da Rue de Berri – onde está localizada a embaixada brasileira – e descarrega terra misturada com esterco. Cerca de 200 pessoas, entre franceses e brasileiros residentes – à parte atônitos estrangeiros perdidos entre a Virgin Mégastore e o Planet Hollywood –, aplaudem entusiasmadas: elas acabaram de descer alguns quarteirões dos Champs em uma minipasseata. A campanha volta a Paris. Mas é a campanha brasileira. Uma manifestante de megafone informa que a idéia é coletar um pouco de terra, colocá-la em um envelope – vendido na hora a 10 francos, cerca de US\$ 2 – e enviá-lo para o presidente da República brasileira, em Brasília. Os Correios que se preparem. A campanha na França é nacional. Mensagem: “Justiça para os sem-terra, as crianças de rua, os desabrigados e os índios”.

Todos cantam “Funeral de um Lavrador”, de “Morte e Vida Severina”. A polícia chega cinco minutos depois – com uma certa brutalidade. Excluídos franceses dos subúrbios aproveitam para torrar adrenalina. Mas ninguém vai preso.

Este foi o rápido “coup de théâtre” público de uma campanha organizada por dezenas de ONGs francesas. Um “apelo de intelectuais” – lançado no domingo, quando o presidente chegou a Paris – denuncia a crônica violên-

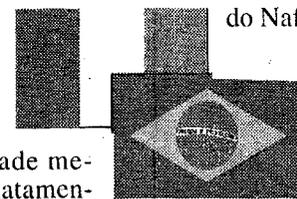
cia urbana e rural no Brasil, as dificuldades de aplicação da Justiça e a impunidade de responsáveis pelos “massacres dos sem-direitos brasileiros”. O apelo foi assinado por algumas dezenas das mais finas flores do pensamento francês, como Pierre Bourdieu – professor do Collège de France –, o filósofo Cornelius Castoriadis, o escritor Régis Debray, o cientista político Olivier Duhamel, o deputado do Parlamento Europeu Leon Schwartzenberg e o bispo Jacques Gailot – lendário contestador e militante carismático. Gailot foi à passeata “para protestar contra o assassinato de camponeses sem-terra”. Citou o papa João XXIII: “A Justiça deve prevalecer sobre a caridade”.

A idéia é coletar um pouco de terra, colocá-la em um envelope e enviá-lo para Cardoso, em Brasília

Claude Marise Richard, francesa que viveu no Brasil, estudou na Fundação Getúlio Vargas e exibia uma foto sua ao lado do presidente Fernando Henrique, disse que “hoje está em uma passeata contra ele” por causa de sua aliança “com gente muito pior do que no Front National” – os neofascistas franceses comandados por Jean-Marie Le Pen. Michel Lowy, sociólogo do CNRS, ex-estudante de Fernando Henrique – leram “O Capital” juntos na USP – comenta como o presidente ficava impressionado com o fato de que os textos de Marx sobre a acumulação primitiva e selvagem de capital aplicavam-se perfeitamente ao Brasil.

Embora os manifestantes fizessem questão de frisar que a campanha não é dirigida contra o presidente, sua popularidade medida na rua não era exatamente bombástica. O presidente chegou em plena Paris de domingo à noite – resplandecendo suntuosa nos dourados restaurados pelo faux socialista François Mitterrand e com o obelisco da Place de la Concorde banhado em uma elegantíssima luz azul. Os Champs-Élysées em verde, amarelo, azul e branco – francês e brasileiro – pareciam anunciar na passarela privilegiada da Europa a definitiva emergência de um novo país.

Mas o reprimido – de Marx aos sem-terra – não conteve seu retorno. Na sexta-feira o “Le Monde” publicou uma entrevista onde o presidente perguntava se o repórter não havia lido Marx; a observação foi cobrada por diversos intelectuais presentes à passeata. Há uma ressurreição do Marx humanista na França – no mínimo 25 livros em andamento sobre o tema. Já em uma entrevista ao conservador “Le Figaro”, publicada ontem, o presidente cumpre à risca o roteiro básico de todo chefe de Estado contemporâneo: “vende” sua terra para o capital sem fronteiras como o país do futuro. Não deixa de afirmar que “o importante é se debruçar sobre os problemas sociais: educação e saúde pública”. Mas, para o presidente, a situação social no Brasil não piora. Diz-se “convencido de que nosso futuro depende do reforço do Mercosul”, cujo desenvolvimento compara à expansão



do Nafta, da União Européia e dos países do Sudeste da Ásia. A respeito da privatização da Light, comenta que “a França nos colocou um pouco de dinheiro

no bolso”: porém espera ainda mais investimentos e acordos em setores tecnológicos. E obriga-se a calar os rumores de reeleição: “Os brasileiros pensariam que eu só trabalho tendo em vista a reeleição. O presidente Menem a pediu em um bom momento, no fim do seu mandato”.

Representantes das ONGs criticaram a impunidade de crimes contra as crianças, presos e sem-terra

O reprimido voltou a extravasar na cerimônia da manhã de ontem no Palácio de Marigny – vizinho ao Eliseu –, onde o presidente recebe em audiência. Uma cerimônia instalou o Conselho de Cidadãos Brasileiros em Paris. Os membros incluíam o diretor do Banco do Brasil, o diretor da Varig e até mesmo o cartunista Juarez Machado. Também incluíam Beth Lagardere – cujo único mérito visível é ser esposa de um dos cidadãos mais afluente da França. Entre os cidadãos brasileiros não havia sequer um músico, um cabeleireiro, um artista gráfico ou mesmo uma empregada doméstica – exemplos de pessoas reais que compõem a comunidade em Paris (estimada em 14 mil pessoas, mas apenas a metade registrada legalmente).

Uma hora depois da manifestação nos Champs-Élysées, o presidente recebeu entre os lustres e veludos do Marigny a face apresentável da crítica ao Brasil para o que definiu como uma “conversa franca”: dez representantes de ONGs, entre elas a Anistia Internacional, a Federação Internacional dos Direitos do Homem e a Associação de apoio aos advogados que militam junto a trabalhadores rurais. FHC vestiu a face Nanterre 68: “Não podemos mais pensar que o Estado é uma coisa e a sociedade é outra”. Lembrou que foi mesmo fundador de uma ONG no Brasil e portanto compreendia seus pontos de vista. Lembrou que o Brasil cresceu 12 vezes de 1947 a 1992 – índice só superado pelo Japão. Frisou que tudo no Brasil limita-se ao contraste entre a necessidade e a possibilidade. E até permitiu-se uma digressão por Descartes.

A conversa foi assessorada pelo professor Paulo Sérgio Pinheiro. Os representantes das ONGs criticaram sobretudo a impunidade de crimes contra crianças, presos e sem-terra. FHC frisou que na Justiça brasileira a responsabilidade é total, e, portanto, mudanças só são possíveis após uma urgente reforma constitucional. Também frisou que um estado de Direito forja-se pela reforma da polícia como instituição. “Faz-se o que pode”, por enquanto, é o moto de trabalho.

O presidente enfatizou a todo o momento a vontade política do Executivo e a necessidade de mudar a mentalidade do Brasil. Cobrado sobre medidas concretas para prevenir o assassina-

to de crianças no Rio, lamentou que o problema, quantitativamente, não é gigantesco. “mas é o que mais aparece”. Para ele, todos os problemas nacionais devem ser tratados com uma política abrangente. E fez uma promessa: “Daqui a algumas semanas o mundo inteiro verá que ninguém poderá se apropriar impunemente de um pedaço de terra indígena no Brasil”, quando o país terá alocado, ao menos em teoria, quase 1 milhão de quilômetros quadrados para cerca de 300 mil índios. FHC também defendeu o ritmo da reforma agrária. Frisou que o movimento dos sem-terra conta com 37 mil famílias, enquanto 42 mil famílias em 1995 e 60 mil em 1996 devem receber terra do governo: “Não fazemos mais porque não temos suficiente capacidade de organização”.

O presidente enfatizou a vontade política do Executivo e a necessidade de mudar a mentalidade no Brasil

Hoje, além de uma série de audiências e encontros com empresários, o presidente é recebido de manhã, e janta à noite no Eliseu, com o presidente Jacques Chirac – atualmente em franca ofensiva diplomática global. Discutirão o esperado rapprochement entre França e Brasil, que, do ponto de vista brasileiro, espera ser rentabilizado não só por mais Iluminismo como por mais investimentos. Não se prevê na agenda do dia nenhuma intervenção do retorno do reprimido. ■